

**CARTOGRAFIA DE UM NOVO OLHAR... SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DE
SUJEITOS COM AUTISMO E PSICOSE INFANTIL**

**CARTOGRAPHY OF A NEW LOOK... AT THE EDUCATION OF INDIVIDUALS
WITH AUTISM AND CHILD PSYCHOSIS**

Carla K.Vasques

k.recuero@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por tema a escolarização de sujeitos com autismo e psicose infantil. Trata-se de um estudo teórico, com base no conhecimento acadêmico-científico, dissertações e teses, produzido nos programas de pós-graduação brasileiros. Dentre os aspectos privilegiados, busca-se conhecer as diversas áreas envolvidas, as temáticas investigadas e, sobretudo, o lugar conferido ao atendimento educacional. Como filtros de leitura têm-se as proposições da educação inclusiva, em diálogo com a psicanálise freudo-laciana e a filosofia. A proposição é a de que a pergunta sobre a escolarização encontra-se relacionada à resposta que oferecemos à questão sobre quem são as crianças com autismo e psicose infantil. Ao conceber a condição de ser aluno como dependente de nossas leituras, professores e escolas responsabilizam-se por suas escolhas. Trata-se de uma aposta que demanda não uma técnica, mas uma posição ética frente ao outro.

Palavras-chave: autismo; psicose infantil; escolarização.

ABSTRACT: This work focuses on the education of individuals with autism and child psychosis. It is a theoretical study, based on academic and scientific knowledge, theses, and dissertations produced in Brazilian graduate programs. Among priority issues, we seek to examine the different areas involved, the issues investigated and, above all, the status position of educational assistance. As reading filters, the propositions of inclusive education, in dialogue with Freud-Lacanian psychoanalysis and philosophy, were used. The proposition is that the question on education is connected to the response we provide to those who are concerned about children with autism and child psychosis. In designing the condition of students as dependent of our readings, teachers and schools take responsibility for their choices. It is a challenge that demands not a technical but an ethical position towards the other.

Keywords: autism; child psychosis; education.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na construção de processos inclusivos encontram-se, com frequência, obstáculos relativos aos supostos limites e possibilidades de escolarização de

crianças com autismo e psicose infantil. Em consequência de sua estruturação psíquica singular, estes sujeitos apresentam, por exemplo, comportamentos estereotipados, falas descontextualizadas ou aparentemente sem nexos, escritas e leituras presas na literalidade do texto ou com sentido errante. Tais diferenças são, constantemente, percebidas como impedimentos para a escolarização e justificam sua ausência ou o encaminhamento para espaços reeducativos, com vistas à adaptação comportamental. É como se a escola duvidasse de sua função frente a crianças tão diferentes, que questionam seus regramentos e ideais. Como nos fala uma professora: *“O que teria a escola a oferecer para tais crianças? Esses meninos e meninas que rodopiam pelas salas, que não falam, mas apenas murmuram, poderiam ler? Escrever? Fazer contas? Dessas crianças de cristal, o que se pode esperar? Como investir em quem parece não apreender”*.

A repetitiva dúvida frente à possibilidade de escolarização é originária de uma complexa rede de elementos. Alguns fatores que contribuem para tal situação: a ausência de informações sobre quem são estas crianças e adolescentes; os poucos e recentes estudos; as dificuldades de interlocução entre as diferentes áreas que se ocupam da temática; a ausência de uma sistematização do conhecimento por parte do campo pedagógico; e, finalmente, a tendência de perceber a diferença como falha ou déficit a ser corrigido, normalizado.

O presente artigo traz elementos da pesquisa de doutorado em Educação, realizada no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo teórico, com base nas produções acadêmico-científicas, teses e dissertações, produzidas ao longo da história recente dos programas de pós-graduação brasileiros. Ao oferecer visibilidade às diversas perspectivas teóricas, metodológicas, etc., demarca-se o caráter instável, arbitrário e histórico do conhecimento. Como apontou Nietzsche (1983, p.67), “conhecemos por meio de conceitos, sendo nosso pensar um dominar via nomeação, algo que decorre de um arbítrio do homem e que não atinge a própria coisa”. Esforços interpretativos, inteiramente dependentes daqueles que representam, pensam, desejam e inventam. Ao desnaturalizar concepções acerca de quem são esses sujeitos e o que podem (ou não) aprender/ser, desloca-se a discussão de um plano técnico/instrumental para o terreno da ética.

A seguir, apresentam-se elementos relativos ao levantamento, acesso e mapeamento das teses e dissertações que constituem o *corpus* da pesquisa. Trata-se de uma primeira representação. Um esboço. Um mapa provisório e limitado das instituições e áreas envolvidas, das temáticas privilegiadas, dos territórios percorridos, dos caminhos trilhados...

CORPUS DA PESQUISA

O campo do autismo e das psicoses infantis está na encruzilhada de várias disciplinas. A diversidade de abordagens reflete a complexidade da temática, que não pode ser “capturada” por uma única perspectiva. A inexistência de um paradigma único impede consensos em relação a quem são esses sujeitos, quais as suas possibilidades subjetivas, sociais, clínicas, educacionais e quais as estratégias ou recursos que podem favorecer (ou não) o seu desenvolvimento global. Tais dissonâncias, se compreendidas a partir de uma processualidade histórico-conceitual, não constituem um limite teórico-prático. Ao contrário, a pluralidade de interpretações pode representar um primeiro passo no sentido de admitir soluções diferentes para as questões suscitadas no atendimento destas crianças e adolescentes.

Indagar. Interpelar. Buscar esclarecimento. Procurar saber. O ponto de partida foram as seguintes perguntas: quais os conhecimentos produzidos ao longo da história recente dos programas de pós-graduação brasileiros, sobre crianças e adolescentes com autismo e psicose infantil? Quais as áreas envolvidas? Qual o lugar conferido ao atendimento educacional?

Para desbravar tais territórios, o primeiro passo foi descobrir autores e títulos. As bases de dados utilizadas para o levantamento das fontes bibliográficas foram o Portal Capes; a BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações); as bibliotecas virtuais; o currículo LATTES de professores envolvidos com o tema e a procura direta.

Palavras podem ser setas que apontam novos caminhos. Lentes que oferecem novas visualidades. Como categorias de busca, palavras-chave, utilizei os seguintes termos: autismo infantil; autismo; psicose infantil; distúrbios globais do

desenvolvimento; transtornos invasivos do desenvolvimento; condutas típicas; espectro autista; autista; Asperger; síndrome autística; síndrome de Asperger; autismo de bom, alto ou baixo funcionamento; autistas funcionais; espectro autístico; transtorno do espectro autístico (TEA); psicótico. Em um segundo momento, tratei de cruzar tais termos com a pergunta pela educação; atendimento escolar; atendimento educacional; inclusão escolar. Não houve um corte temporal pré-determinado, sendo a única restrição referente à existência de resumo ou, de no mínimo, uma indicação que permitisse buscar o resumo em outras fontes. Foram selecionados todos os estudos que tinham como objeto explícito ou implícito o autismo e a psicose infantil¹.

O terceiro momento tratava de acessar o material. Seguindo os traços, a letra, as pistas, procurei nomes e endereços em quase todas as regiões nacionais. Conversei com autores, orientadores e bibliotecários. Viajei. Escavei estantes e sites – COMUT, ORKUT, BIREME, etc. Algumas produções, contudo, ficaram condenadas a não receber um leitor. Textos não divulgados (por determinação das universidades ou dos autores), não publicados, escondidos, tímidos, perdidos permaneceram condenados ao desconhecimento e escuridão de estantes empoeiradas.

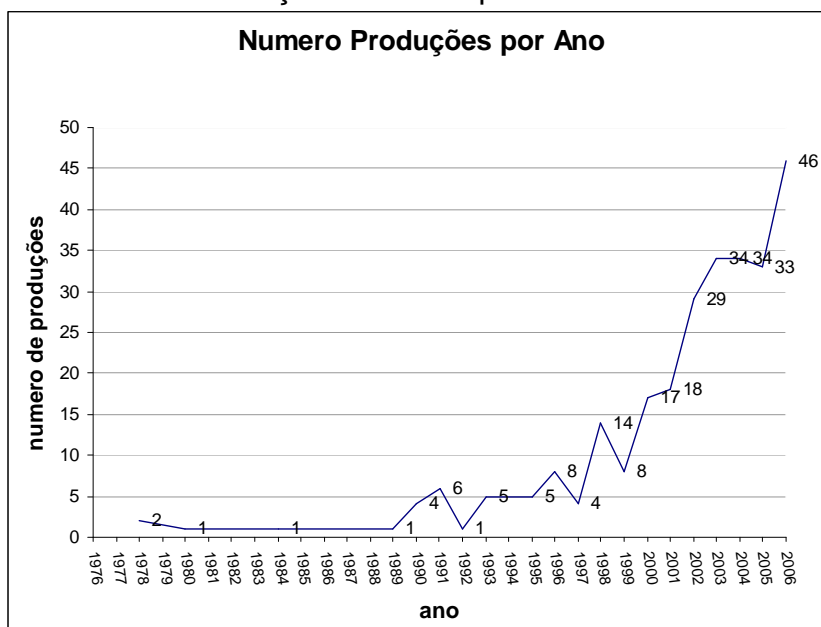
Foram identificadas 264 produções acadêmicas distribuídas entre os anos de 1978 e 2006. Destas, 200 referências foram acessadas integralmente, constituindo o acervo ou *corpus* documental da pesquisa. Na maioria são documentos integrais, em papel ou PDF; outros são artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras; alguns poucos são cópias xerocadas de partes das teses e dissertações; existem também livros e cadernos publicados.

¹ Visando à leitura mais fluída do texto, utilizo alternadamente as expressões autismo, psicose infantil, crianças *com* psicose, *com* autismo, autismo e psicoses infantis. No campo da psicanálise freudolacanianiana, estes termos possuem interpretações plurais. Há, contudo, certo consenso acerca do caráter não-decidiado de tais quadros na infância e na adolescência, porque o sujeito está em estruturação. A proposição é que, ao pensarmos as psicoses infantis e o autismo como impasses na/da constituição subjetiva, acentua-se o caráter mutável dessa maneira, não de *ser*, mas de *estar* na infância, o que pode abrir espaço para a construção de alternativas existenciais. Trata-se, assim, de uma provisoriidade em que o tempo (psíquico e cronológico) apresenta-se como um diferencial. Ao longo do texto, abordar-se-ão ainda outros “nomes e sobrenomes”, como, por exemplo, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD); Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID); síndrome autística; autismo; síndrome de Asperger; autismo de bom, alto ou baixo funcionamento; autistas funcionais; espectro autístico; Transtorno do Espectro Autístico (TEA). Tal diversidade apresenta a complexidade do tema em suas múltiplas (e sempre limitadas) lentes e perspectivas conceituais.

Um primeiro gesto de leitura propõe a descrição do material acessado, classificando-o a partir da estrutura acadêmico-científica formal. Trata-se, então, de mapear as pesquisas a partir da distribuição no tempo, nas Instituições de Ensino Superior (IES), nos níveis de mestrado e doutorado e nas áreas de conhecimento envolvidas. Uma segunda aproximação propõe o mapeamento das temáticas abordadas.

Como disse anteriormente, foram identificadas 264 produções acadêmicas distribuídas entre os anos de 1978 e 2006. Considerando a quantidade de teses e dissertações produzidas nos últimos 28 anos pelos Programas de Pós-Graduação no Brasil, pode-se afirmar que o assunto em questão não constitui um tema freqüentemente estudado pelos pesquisadores brasileiros.

Quadro 1 – Produção Científica por ano de defesa



Visibilidade. Qualidade ou estado do que é visível. Acredita-se que o incremento do número de trabalhos observado a partir de 1998 deve-se em muito aos influxos do movimento inclusivo e das políticas nacionais e recomendações internacionais de inclusão escolar, social, etc. Nesse contexto, os impasses relacionados ao atendimento desses sujeitos ganharam maior visibilidade no meio acadêmico, principalmente para as áreas da psicologia e da educação.

Considerando as produções acadêmicas – teses e dissertações – por região e instituições de ensino superior, obtemos a seguinte configuração:

Quadro 2 – Produção Científica por Instituição de Ensino Superior

IES	N. produções
USP – Universidade de São Paulo	60
PUCSP – Pontifícia Universidade Católica	26
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	25
PUCRIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	15
UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos	15
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas	15
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro	13
UFRJ - Universidade do Rio de Janeiro	9
PUCAMP- Pontifícia Universidade Católica de Campinas	7
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco	7
UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie	7
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais	5
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	5
UNESP - Universidade Estadual Paulista	4
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo	4
FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto	3
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	3
UFF - Universidade Federal Fluminense	3
UFPB - Universidade Federal da Paraíba	3
UFU - Universidade Federal de Uberlândia	3
UNB - Universidade de Brasília	3
UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco	3
UCB - Universidade Católica de Brasília	2
UFC - Universidade Federal do Ceará	2
UFG - Universidade Federal de Goiás	2

UFMS - Universidade Federal de Santa Maria	2
UNIFOR – Universidade de Fortaleza	2
FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz	1
UCDB - Universidade Católica Dom Bosco	1
UCP - Universidade Católica de Petrópolis	1
UCG - Universidade Católica de Goiás	1
UFAM - Universidade Federal do Amazonas	1
UFBA - Universidade Federal da Bahia	1
UFPA - Universidade Federal do Pará	1
UFPR - Universidade Federal do Paraná	1
UMESP - Universidade Metodista de São Paulo	1
UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	1
UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba	1
UNIP - Universidade Paulista	1
USM - Universidade São Marcos	1
UTP - Universidade Tuiuti do Paraná	1
UVA - Universidade Veiga de Almeida	1

Das 264 pesquisas, temos 224 dissertações de mestrado, três mestrados profissionalizantes, 34 teses de doutorado, dois estudos de pós-doutorado e uma tese de livre-docência. A produção concentra-se nas regiões sudeste e sul, havendo uma predominância na Universidade de São Paulo (60 estudos); Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (26 estudos); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (25 estudos).

A temática das psicoses infantis, do autismo infantil, dos transtornos globais do desenvolvimento, etc. interroga diferentes áreas do conhecimento, desrespeitando seus supostos limites disciplinares. As fronteiras se confundem. Têm-se, assim, estudos nas ciências humanas e biológicas; nas áreas da saúde, da lingüística, artes e letras; nas ciências sociais aplicadas; há estudos nas engenharias e até nas ciências exatas e da terra!

Considerando o objeto de investigação, foram identificadas nove grandes categorias: diagnóstico; tratamentos; ensino-aprendizagem; linguagem; escolarização; inclusão escolar; formação de professores; interações familiares; e, finalmente, descrição. A seguir, apresentar-se-ão aspectos relacionados ao universo escolar, considerando as questões de pesquisa, as áreas do conhecimento e as metodologias utilizadas.

Ensino [derivado de ensinar] significa: (1) transmissão de conhecimentos, informações ou esclarecimentos úteis ou indispensáveis à educação; (2) informações úteis a um fim determinado; (3) métodos empregados para se ministrar o ensino; (3) magistério; (4) esforço orientado para a formação ou a modificação da conduta humana, educação; (5) polidez, urbanidade, boas maneiras; (6) adestramento, treinamento; (7) castigo, ensinadela. *Aprendizagem* [de aprendiz + -agem] refere-se a: (1) ato ou efeito de aprender, especialmente profissão manual ou técnica; (2) exercício ou prática inicial da matéria aprendida, experiência, tirocínio. {Tirocínio = primeiro ensino; aprendizado; experiência}².

Paulo Ghiraldelli Jr. (s/d) diz que ensino-aprendizagem implica uma relação guiada por alguma teoria (nem sempre explicitada, reconhecida). Três estudos da educação analisam as representações sociais, as significações, as expectativas, os preconceitos teóricos e afetivos de professores em relação ao aluno com Distúrbio Global do Desenvolvimento, com condutas típicas (autismo de alto-funcionamento) e autistas, em escolas comuns e especiais. Interessa refletir sobre como a aprendizagem é concebida pelo professor; enfatizar o corpo como possibilidade de intercomunicação (gestos, deslocamentos, olhares, representações); bem como, compreender a dinâmica relacional pautada pelas especificidades desse alunado e suas demandas para o docente.

Outros três estudos, dois da educação e um da psicologia, abordam a leitura e a escrita como subjetivantes para as crianças que vivem impasses em seu processo de constituição psíquica. A partir da clínica psicopedagógica, psicanalítica e do contexto escolar no ensino público, as pesquisas abordam as especificidades dessas produções, devido ao transbordamento da subjetivação psicótica no texto e da estranheza que tais produções causam no espaço escolar. Outras duas

² Todos os verbetes foram consultados no dicionário eletrônico FERREIRA (2000).

pesquisas teóricas, da psicologia, focam essa mesma discussão pelo viés do conhecimento construído na relação de ensino-aprendizagem. Todos os autores defendem a necessidade de construir espaços de reconhecimento e valorização das produções e singularidades desse alunado, a fim de que a escola exerça suas funções educacionais, constitutivas e terapêuticas.

As oito pesquisas descritas até o momento apresentam sua argumentação a partir da psicanálise freudo-lacanianiana e da abordagem histórico-cultural. São estudos que buscam oferecer visibilidade ao singular, às significações pessoais e à construção de possibilidades realizadas a partir de encontros entre sujeitos e instituições.

Na discussão sobre o ensinar e o aprender, a didática possui um lugar especial. Ghiraldelli Jr. (s/d) diz que esse é um saber técnico, “a expressão pedagógica da razão instrumental”. A fim de melhor contribuir com a relação ensino-aprendizagem, a partir das didáticas, técnicas, espaços e recursos específicos destinados ao autista, seis estudos (um da educação física, dois da educação e três da psicologia) tiveram por objetivo avaliar o comportamento, o repertório social, cognitivo e comunicativo de crianças e adolescentes. São pesquisas que procuram identificar, avaliar e descrever os comportamentos característicos dessa síndrome, para daí adequarem planos de ensino e metas de aprendizagem. Numa mesma lógica, outros oito estudos (sete da educação e um da psicologia) analisaram programas de ensino e de treinamento estruturados para pacientes, alunos e seus familiares. Através da análise quantitativa do comportamento e da literatura médica, tais pesquisas apresentam os programas TEACCH - "Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children"; CFN – Currículo Funcional Natural e PEI – Programa de Ensino Individualizado, como os mais adequados para as especificidades dessas crianças e adolescentes.

Ainda no contexto de ensino-aprendizagem, seis pesquisas abordaram os benefícios da mediação tecnológica, o computador, como forma de expressão, interação e de desenvolvimento cognitivo de crianças com autismo ou espectro autístico. São pesquisas descritivas e estudos de caso provenientes da engenharia, das ciências da computação, da psicologia e da educação, que tiveram por base a teoria sócio-histórica. Atentando para a importância da linguagem, das interações e

dos contextos na formação dos sujeitos, as situações analisadas (estudos de caso grupais em escolas comuns, especiais e clínicas especializadas) procuram demonstrar que o computador pode ser um recurso importante nos processos de mediação, de ensino, de aprendizagem e de encontros entre professores e alunos.

Sobre a *escolarização*: (1) ação ou efeito de escolarizar {Escolarizar = submeter ao ensino escolar}.

O conjunto de pesquisas agrupadas nesta categoria contempla os efeitos subjetivos advindos dos processos de escolarização; as relações entre clínica e escola, que buscam oferecer suporte a esses processos, bem como, a necessidade de refletir sobre a ética e a alteridade implicadas nessas trajetórias institucionais e pessoais. São pesquisas teóricas, descritivas e estudos de caso: seis da educação e dois da psicologia. Tais textos interrogam sobre educabilidade, processos inclusivos, diversidade e pluralidade no contexto escolar, considerando seus impasses e suas possibilidades. As bases teóricas remetem aos pressupostos da educação inclusiva e da psicanálise freudo-laciana.

Outro estudo da psicologia também indaga sobre a escolarização, considerando o conhecimento dos professores sobre a etiologia, o desenvolvimento intelectual e as características clínicas da síndrome autística. O autor atenta para a necessidade de fundamentar a prática educacional no conhecimento científico atual, a fim de evitar a emergência de idéias distorcidas e de práticas incoerentes com as reais potencialidades do alunado em questão. Tal estudo baseia-se na literatura médica e na perspectiva cognitivista.

Um último texto aborda as expectativas e as significações dos processos de escolarização de alunos com transtornos mentais a partir da ótica dos familiares. É um estudo de caso grupal, realizado na área da enfermagem psiquiátrica, que oferece visibilidade aos descaminhos clínicos e educacionais, bem como à ausência de serviços e informações em que se encontram essas famílias. Tais fatores, para o pesquisador, contribuem para a exclusão e o sentimento de abandono social. Quanto à escolarização, os pais entrevistados a consideram interessante, seja em escola especial ou comum, porém acreditam pouco provável que ela aconteça, devido ao preconceito e ao despreparo das escolas e dos professores. Todos os pais participantes deste estudo já haviam buscado, em algum momento, espaços

escolares e seus filhos, na maioria adultos, encontravam-se no momento da pesquisa somente em atendimento clínico.

Sobre a *inclusão escolar*. Inclusão refere-se a: (1) ato ou efeito de incluir; (2) processo da técnica microscópica pelo qual o objeto que vai ser estudado é antes envolvido por uma massa facilmente seccionável, que o imobiliza; (3) relação existente entre a classe que é espécie e a classe que é gênero; (4) relação entre dois termos, um dos quais faz parte ou da compreensão ou da extensão do outro; (5) ato pelo qual um conjunto contém ou inclui outro; (6) ato de incluir pessoas portadoras de necessidades especiais na plena participação de todo o processo educacional, laboral, de lazer, etc., bem como em atividades comunitárias e domésticas.

Para Baptista (2002), educação inclusiva é um conceito multifacetado que remete a uma pluralidade de perspectivas: um direito; uma nova proposta de educação que busca conferir qualidade à educação geral; um modo mais “econômico” de oferecer atendimento especializado a pessoas com necessidades especiais; uma moda pedagógica; uma proposta que transforma a educação; uma educação para todos; uma tentativa de diminuir os mecanismos de exclusão no contexto educativo, além de tantas outras afirmações e conceitos que se entrecruzam, se afastam, se afetam e tencionam.

No campo da saúde e das ciências humanas – uma da enfermagem, duas da psicologia e seis da área da educação – as pesquisas referem-se à educação em escola comum de alunos autistas, com psicose infantil ou, ainda, com distúrbios globais do desenvolvimento. O foco de investigação foram os processos de encaminhamento escolar da escola especial para a escola comum; as significações, impasses e representações dos professores no trabalho de inclusão escolar; os efeitos nas relações entre escola-família-alunos; as possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento global advindos da inclusão.

Três dessas pesquisas retomam a história da educação especial, considerando os padrões de normalidade construídos pela sociedade contemporânea, e abordam as possibilidades de conexão entre a psicanálise e a educação inclusiva. A partir de textos teóricos e de estudos de caso, apontam a educação como “ferramenta terapêutica” no tratamento dessas crianças. Apostando

na potência do encontro e do contexto escolar comum, uma pesquisa narra a história de vida de uma criança autista em um processo de inclusão escolar considerado bem sucedido; outra aborda as representações sociais dos familiares, incluindo-os também nesse processo.

Outros estudos desenvolveram programas educacionais a serem aplicados por professores em crianças autistas nas turmas de educação infantil em escolas regulares. Os programas procuravam desenvolver a comunicação e as interações sociais; a organização do espaço educacional de acordo com o método TEACCH, com conceitos da Análise Aplicada do Comportamento e com programas individualizados a partir da intervenção cognitiva escolar. São estudos baseados na literatura médica, na teoria da mente e na teoria comportamental.

Sobre a *formação de professores*. O conceito de formação abrange: (1) ato, efeito ou modo de formar; (2) constituição, caráter; (3) maneira pela qual se constituiu uma mentalidade, um caráter, ou um conhecimento profissional; (4) designação genérica de estrutura de aspecto definido; (5) disposição que pode tomar um corpo de tropas ou um conjunto de navios de guerra no terreno de operações; (6) conjunto dos elementos que constituem um corpo de tropas. O conceito de professor inclui: (1) aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; mestre; (2) homem perito ou adestrado; (3) aquele que professa publicamente as verdades religiosas; (4) o que exerce cátedra, catedrático.

Procurando refletir sobre a formação de professores para o atendimento pedagógico e a escolarização de alunos com autismo infantil, as pesquisas descrevem programas de formação continuada. Uma delas baseou-se na Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural desenvolvida por Feuerstein. A outra teve por objeto o desenvolvimento de uma postura crítica reflexiva por parte dos professores, através da apropriação de conhecimentos, incluindo desde conteúdos e estratégias didáticas para atender alunos nessas condições, até competências de atuação consideradas mais específicas. Ambas destacam a importância dos processos de formação para a escolarização desse alunado.

Os primeiros trabalhos que focalizam o atendimento educacional datam de 1993 e abordam a busca de um caminho para a ação pedagógica com crianças

autistas e as dificuldades do processo diagnóstico junto aos profissionais da educação e saúde. Em 2003, encontra-se o maior número de estudos e diversidade de textos: 18 pesquisas focalizaram o desenvolvimento de habilidades via metodologias comportamentais; os métodos de avaliação (sustentando que o estabelecimento de programas de intervenção depende da identificação, cada vez mais precisa, das carências educacionais e sociais dessas crianças); as novas tecnologias como recursos de comunicação e aprendizagem; e, finalmente, a educação terapêutica (proposta que articula a educação com a psicanálise, como um recurso de atendimento). Considerando os processos educacionais inclusivos, as dissertações descrevem o ingresso em escola regular e os (des)caminhos trilhados pelos profissionais, alunos e familiares implicados nesse processo; questionam a educação inclusiva; defendem a educação inclusiva; falam da escrita e da leitura para além das funções instrumentais, mas como alternativas constitutivas para o sujeito; da impossibilidade de escolarização; da exclusão escolar e social; da escola como espaço de socialização; da instituição educacional e sua função constitutiva; da possibilidade de ressignificar a função da escola e do professor perante as ditas crianças graves.

Ainda no campo educacional, é possível dizer que há um uso indiscriminado de termos como “avaliação” e “diagnóstico”. Estas expressões congregam práticas, conceitos e objetos bastante heterogêneos, não submetidos à discussão. Nesse contexto, acredita-se ser necessário “suspender a familiaridade das palavras e expressões [...] e deixar-se tomar pela perplexidade que essa suspensão instaura” (LEMOS, 1986, p. 5). Para tanto, é fundamental problematizar a instância diagnóstica, desnaturalizando-a.

A pergunta sobre a escolarização encontra-se relacionada à resposta que se oferece às questões sobre quem são as crianças com psicose e autismo infantil e ao acolhimento que oferecemos as suas produções. Compreender a condição de ser aluno como dependente dos pontos de vista, implica um processo de responsabilização das escolas e professores (VASQUES, 2008). Trata-se da ética como uma tomada de posição, e não como um conjunto prescritivo de procedimentos. Ética reflexiva, investigativa, “onde a dúvida possui a função fundamental de abrir brechas na fortaleza de nossas certezas imaginárias” (KEHL,

2002). Ética como condição de possibilidade de um encontro, de uma produção, de uma experiência. Capaz de fazer falar, dar voz ao outro. Ética como bússola.

CARLA KARNOPPI VASQUES

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (1992), mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolve estudos nas áreas da Educação Especial e da Psicologia e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão escolar; sujeitos da educação especial; educação e processos de subjetivação; formação de professores; autismo e psicoses infantis; alteridade; psicanálise e educação especial.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, C.R. Educação Inclusiva. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 3/4, 2002, p. 161-172.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*. Versão 3.0, nov. 2000.
- GUIRALDELLI JR., P. *As terminologias em educação*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id071003.htm>. Acesso: maio, 2007.
- KEHL, M.R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEMOS, C. D. A sintaxe no espelho. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.10, (5: 15) Campinas: IEL-UNICAMP, 1986.
- NIETZSCHE, F.W. *Obras incompletas*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- VASQUES, C. *Alice na biblioteca mágica: uma leitura sobre o diagnóstico e a escolarização de crianças com autismo e psicose infantil*. 2008. 195 f. + Anexos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.